

ENTREVISTA

O editor da Revista da Academia, Prof. Manoel P. Ribeiro, entrevista o Mestre Francisco Venceslau dos Santos.

Francisco Venceslau dos Santos é Doutor em Teoria da Literatura (UFRJ). Prof. Adj. de Teoria da Literatura (aposentado) no Inst. de Letras da UERJ, com atuação nos Cursos de Graduação, Mestrado em Lit. Brasileira e Doutorado em Lit. Comparada, onde continua a orientar alunos. Procientista da UERJ. Foi Vice-Coordenador Geral e Coordenador Geral (Substituto) do Programa de Pós-Graduação em Letras por dois períodos. Atualmente faz parte da Assessoria Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), e é membro efetivo (cadeira n.º 21) da Academia Brasileira de Filologia.

Principais livros: *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro, Editora Caetés, 2008, *Subjetividades da ficção brasileira contemporânea*, Editora Europa, 2004, *Dessertões*, Editora Caetés, 1997, *Autoritarismo e solidão: o roteiro da conciliação*, Tempo Brasileiro, 1999 e Edit. Europa, 2004. *Callado no lugar das ideias*, Rio de Janeiro, Editora Caetés, [1999] e 2004. A convite das Nações Unidas, estabeleceu o texto crítico de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, para a col. Archivos da UNESCO, Paris, 1997

Coordenador do *Projeto Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas* junto ao Ministério da Cultura (Lei Rouanet) com o objetivo de produzir e publicar o livro sobre o escritor judeu-brasileiro, obteve parecer favorável do Minc e o patrocínio do Programa Petrobras Cultural/Memória das Artes. Recentemente conseguiu da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro aprovação do projeto *Paisagem urbana do Rio de Janeiro na Literatura*

Entrevista

De que trata a obra *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas* ?

Este livro reúne a maior parte dos textos sobre Samuel Rawet, dispersos em jornais e revistas no período que vai de 1956, data da estreia do autor com *Contos do imigrante*, até 1984, ocasião de sua morte, em Sobradinho, Brasília. Ainda inclui uma introdução, prefácios, orelhas, entrevistas, depoimentos, editados em livros, matérias escritas por companheiros de jornais, e críticos literários. Estas articulam o vínculo imprensa literária/escritor, prática comum nos anos de 1950 a 1970, mesmo porque a maioria destes intelectuais não pertencia à Universidade, e atuava com força no

campo literário.

Reúne também produções que fazem referência ao período 1956-1984, a partir de uma perspectiva mais contemporânea. Critérios de escolha: textos relacionados com experiência na área de estudos de historiografia literária, sintonia com a ideia de acervo, análise crítica do período delimitado para esta edição.

As produções acadêmicas dos anos de 1990 a esta data traçam também a história da recepção de Samuel Rawet, e apontam a sua presença como objeto de estudos na Universidade, principalmente na área de Estudos Judaicos, com os ensaios de Berta Waldman, Nelson Vieira, Rosana Kohl Bines, Saul Kirschbaum, Stefania Chiarelli e outros.

Esta edição desenvolve, nos quatro capítulos, a fisionomia intelectual das décadas, na medida em que as questões postas em relação ao ficcionista/engenheiro remetem também aos problemas colocados pela historiografia literária: impasses de comunicação do escritor com o público, seu trânsito entre os espaços público e privado, o espanto diante da emergência de novas formas literárias, pertencimento do estrangeiro à cultura brasileira. E aponta a presença dos jovens da *Revista Branca*, representantes do novo moderno dos anos 1950.

O projeto para publicação deste livro foi selecionado pelo Programa Petrobras Cultural, de acordo com a linha de patrocínios da empresa na área de Preservação e Memória, que tem como objetivos trazer à luz, dar acesso público, difundir conteúdos e acervos de interesse da memória das artes no Brasil.

A repercussão no circuito literário e judaico correspondeu às expectativas do ambiente universitário ?

O livro obteve ampla repercussão no meio universitário, em primeiro lugar o prefácio é do docente Italo Moriconi, crítico literário que faz o trânsito entre o ambiente acadêmico e a mídia. Em segundo, é coordenador de uma linha de pesquisa no CNPq cujo objeto de estudo são os acervos com foco na vida literária, na fisionomia de uma época e na memória. Além do mais, o volume apresenta contribuições dos principais críticos que publicavam ensaios em revistas e Suplementos Literários do país entre os anos de 1956 e 2008, dentre eles J. Ginsburg, Assis Brasil, Hélio Pólvora, Fausto Cunha, Antonio Carlos Villaça, Renard Perez, Danilo Gomes, Carlos Menezes com atuação permanente nas colunas e rodapés dos jornais. Encontram-se presentes também os ensaístas da judeidade: Nelson H. Vieira, Berta Waldman, Rosana Kohl Bines, Stefania Chiarelli, Saul Kirchbaum, docentes em universidades, representantes de uma nova linha de estudos do judaísmo e da literatura de imigrantes.

Podia mencionar revistas, jornais e suplementos que marcaram presença na fisionomia cultural brasileira de 1956 (publicação de *Contos do imigrante*) até 1984, data da morte de Samuel Rawet ?

As principais revistas que publicaram matérias sobre Samuel Rawet, e onde foram pesquisados artigos foram *Para Todos*, *Tempo Brasileiro*, *Revista Branca*, *Ficção*, *Joia*, e *Papéis Avulsos*, também os busquei em *Vértices* (revista dos intelectuais da USP) e *Litterature D`America*, mais recentes. *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, *Jornal de Letras*, *Suplemento Literário Minas Gerais* constituem fontes de primeira linha para a historiografia literária do período, e por isso mesmo mereceram destaque. Fiz a recolha de entrevistas, reportagens e artigos nos jornais *Última Hora*, *Amanhã*, *Globo*, *O Estado de São Paulo*, *Correio da Manhã*, *Jornal da Tarde* e *Correio Braziliense*.

Como a Universidade compreende hoje a vida literária ?

O livro expõe concretamente, em seu processo de produção, o moderno entendimento de vida literária, que nada mais é que a fisionomia literária de uma época, seus espaços de sociabilidade (livrarias, cafês, clubes, cabarês, restaurantes, editoras, revistas), e os romancistas, poetas, editores, críticos literários, todos em suas atividades diárias. Uma presença constante, na época analisada é a do grupo da *Revista Branca* que aglutinou os jovens dos anos de 1950, em torno da escritora Dinah Silveira de Queiroz; eles deram novo fôlego à ficção no país, principalmente na área do conto. Estão sendo agora resgatados pela renovação das pesquisas da biografia como foco da renovação da crítica genética, da memória como matéria-prima da vivência e fonte de criação.

Pode resumir aspectos da biografia intelectual de Samuel Rawet ?

Samuel Rawet nasceu em 23-07-1929, na cidade de Klimontow, Polônia, tendo vindo em 1936 para o Brasil e passando a residir no Rio de Janeiro. É brasileiro naturalizado.

Depois de fazer os estudos básicos e secundários em colégios do subúrbio carioca, ingressou em 1949 na Escola Nacional de Engenharia, terminando o curso em 1953. Foi engenheiro de Cálculo de Concreto, tendo começado a trabalhar na profissão em 1954, na equipe do engenheiro e poeta Joaquim Cardozo. Em 1957, passou a funcionário da Novacap, transferindo-se para Brasília em 1963. Em 1964, viajou à Europa e trabalhou um ano em Israel, convidado por Oscar Niemeyer para calcular a Universidade de Haifa. Em 1969 voltou a residir no Rio, sendo lotado no DNER.

Literariamente, fez parte do grupo do “Café da Manhã”, movimento promovido por Dinah Silveira de Queiroz (1949- 51), integrando depois o da *Revista Branca*. Estreou nas letras com os *Contos do imigrante* (1956), obra que teve a melhor acolhida da crítica, e a que se seguiram: *Diálogo*, contos (1963); *Abama*, novela (1964); *Os sete sonhos*, contos (1967), Prêmio Guimarães Rosa, da Fundação Cultural do Paraná; *O terreno de uma polegada quadrada*, contos (1969 *Viagens de Ahasverus*,

novela (1970). É autor ainda de três peças de teatro: *A noite que volta*, levada, no rádio, em São Paulo e no Rio de Janeiro (1958/59/60); *Os amantes*, representada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1967); e *O lance de dados*, inédita.

A literatura de Samuel Rawet é, quanto à dicção e à temática, uma literatura dura e amarga, onde a análise atinge o cerne das coisas e, no tocante à forma, uma literatura com experimentos de técnica e de linguagem essencial - em quaisquer dos campos não havendo a menor concessão ao leitor.

Seus temas-chave são os da inexistência do diálogo, o problema da incompreensão e da crueldade humanas. Mas esses temas se ampliam. Escritor de origem judaica, numa obra como *Contos do imigrante*, eles aparecem ligados ao problema da adaptação dos de sua raça num mundo novo, abordando aí, sobretudo, a esfera social e familiar; em *Abama*, o problema é aprofundado, acabando por atingir, simbolicamente o próprio trágico destino da raça. Em outros livros, este aspecto particular, judaico, é absorvido pelo mais geral – o problema do próprio homem.

A publicação da presente compilação da fortuna crítica de Samuel Rawet é contribuição inestimável aos estudos voltados para a crônica e para a história da literatura brasileira no século recém-terminado. Com esta matéria-prima, novos interesses de pesquisa poderão delinear-se nos campos dos estudos culturais, da história da vida intelectual brasileira, da história da nossa vida literária. Que tipo de contribuição seu trabalho apresenta ?

Trata-se de trabalho de busca, identificação e ordenamento de fontes, visando à formação de um arquivo contemporâneo. E a “causa” não poderia ser mais justa: recuperar a figura de Samuel Rawet. Por sorte, por coincidência, o trabalho converge com o renovado interesse que por ele tem demonstrado a nova geração de críticos universitários. Pode-se efetivamente dizer que vivemos “tempos de resgate da obra do autor de “Crônica de um vagabundo””: A compilação aqui apresentada traz de maneira viva a história da recepção da obra de Samuel Rawet, revelando questões e dilemas que marcaram os debates literários brasileiros sobre prosa nos anos 50 e 60 e depois, dos anos 90 para hoje.

Neste início de século 21, é hora de voltar aos arquivos e às pesquisas de fontes, desnaturalizando tudo aquilo que pensávamos saber sobre tempos recentes ou quase recentes, buscando construir as narrativas renovadas, capazes de corrigir erros, de preencher lacunas de informação e, sobretudo, de atualizar modelos de compreensão e de comunicação já porventura em processo de congelamento ou exaustão. Acho que enfrentei o desafio. Voltando-se para Samuel Rawet pelo viés da fortuna crítica e da história de sua recepção, cheguei ao grupo de “Café da Manhã” da virada dos anos 1940-1950 e à *Revista Branca*, que como periódico exerceu seu papel na cena dos anos 1950. Trouxe nomes tão caros à literatura brasileira enquanto vida vivida: Assis Brasil, Rcnard Perez, a própria Dinah Silveira de Queiroz, dentre outros, inclusive os mais jovens que são incorporados pelo menos espiritualmente ao grupo, como uma Judith Grossmann.